

POR QUE NÃO FALAR DE... CAMPO LACANIANO?*

Fundação do Campo Lacaniano

Em primeiro lugar, por que não falar¹ de algo que está tão freqüentemente presente nas conversações, nas publicações, nas reuniões de todos aqueles que de uma ou outra maneira estão interessados em e pela psicanálise, e que ainda afeta aqueles que estão além desse domínio.

Fazemos referência a sintagmas tais como: clínica *lacaniana*, topologia *lacaniana*, psicose *lacaniana*, psicanalistas *lacanianos*, os *lacanianos*. Fala-se desta maneira e também assim se nomeiam escolas, associações, publicações, etc.

Sem dúvidas isto não constitui um campo, no sentido daquilo que pode tomar existência porque haja algo que o unifique como tal. Todas estas são maneiras atributivas de falar ou nomear e não de estabelecer funções.

Quer dizer que, ou bem se pode considerar que o que se enuncia consiste numa referência imaginária, atributiva, identificatória, ou bem é outra coisa e se pretende nomear alguma diferença na ordem da práxis.

É dentro destas coordenadas, neste contexto, que o propósito desta intervenção, hoje aqui se inscreve.

Falar daquilo que num momento do seu ensino, de sua prática, Jacques Lacan enuncia como um anelo.

É assim como o diz na reunião de seu Seminário do dia 11 de fevereiro de 1970: *Quanto ao que é do campo do gozo -lástima- que não se chamará jamais, já que não terei tempo de esboçar suas bases, o campo lacaniano, porém eu o tenho desejado, há observações a fazer.*

É claro que Lacan volta a afirmar ali o que anos antes tinha dito no seu Seminário “O objeto da psicanálise”, a existência de um campo do gozo, dito assim, nomeado dessa maneira.

O campo do gozo aparece como o limite em que Lacan retoma o que a descoberta de Freud deixou em aberto.

* Este trabalho foi apresentado no II COLLOQUE INTER-ASSOCIATIF realizado em Paris no mês de Outubro de 1991, e é o antecedente imediato -não o único- da criação da Fundação do Campo Lacaniano.

Trata-se do que, no discurso, faz referência ao saber, remete ao gozo. É isto o mais próprio, para Lacan, do que podemos chamar a descoberta freudiana: o fato de que o inconsciente é um saber que se diz, que não se sabe quem o diz, e que se trata de um saber que fala por si só.

Quer dizer que este campo surge a partir do que Freud isola em 1920, ordenado segundo a pulsão de morte como regime da repetição. Assim encontra-se solidariedade entre o inconsciente e a repetição, entre a pulsão e a transferência.

É Lacan quem ‘sobre-imprime’ “Recordar, Repetir e Elaborar” a respeito de “Mais além do princípio do prazer”. Esta ‘sobre-impressão’, como sabemos, não é o único movimento. Mas talvez sim “Mais além do princípio do prazer” seja o texto de Freud que tem mais efeito de *apres-coup* sobre os anteriores.

Outros ‘movimentos’ são, por exemplo: pôr em relação a pulsão de morte com o narcisismo e encontrar um fundamento sólido para a agressividade; ou melhor, levar o que é da ordem da repetição a isso que “A interpretação dos sonhos” propunha como realização do desejo no sonho, permitindo assim captar a dimensão do inconsciente como o ‘não realizado’, quer dizer, a dimensão do inconsciente como realidade sexual.

Esta tarefa de Lacan vai fazer surgir o campo do gozo do velamento no qual se achava. Assim dizemos, ‘mas isso já estava em Freud’.

Se “todo discurso vela algo a respeito de outro do qual toma seu sentido”, o que se ocultava como extensão do campo do gozo é a função do objeto *a*. É de sua práxis que Lacan o propõe para a abertura deste campo. A leitura que Lacan faz de Freud é uma articulação produzida pela função do objeto *a*. E em virtude disso dá-se a recuperação, através desta articulação, da experiência freudiana.

É neste sentido que o saber é um termo do discurso que põe em jogo o inacessível da verdade, se se entende por inacessível que é necessário admitir que o gozo é um limite para dizê-la toda.

A que se refere então Lacan, quando fala deste campo do gozo que ele desejaria que levasse seu nome?

Nessa mesma reunião do Seminário, e antes de anunciar seu ‘anelo’, diz: (...) *é a instituição deste outro campo energético que necessitaria outras estruturas que as da física e que é o campo do gozo.*

Se são necessárias outras estruturas é porque a inércia de que se trata é a inércia da linguagem. E esta teria que ser tomada numa energética a fim de encontrar a constante que unificasse o campo.

Diz Lacan em “Encore”: *A inércia é uma função da linguagem que faz que toda palavra seja uma energia não tomada ainda numa energética, porque não é uma energética própria a ser medida.*

A dificuldade está, Lacan a enfatiza, em que é na linguagem mesmo que se trataria de tomar a constante.

Em conseqüência, Lacan procura com que construir o suporte que corresponda a essa inércia, a esse gozo; e não se surpreende que não se tenha pensado que as cadeias, os *ronds de ficelles*, o mesmo nó borromiano, poderiam ser suporte disso; mais ainda, não só suportá-lo, senão cernir, encurralar esse gozo.

Quer dizer que se trata, no que se refere à direção da cura, do relativo à elaboração do gozo que é necessário cernir.

E talvez, num sentido mais amplo e solidário com o anterior, está também o que se pode transmitir: a dificuldade de transmitir o que concerne à economia do gozo por um meio que não pode ser matemático - diz Lacan em 1973 - já que a psicanálise não é uma ciência.

No entanto, um ideal de formalização se impõe ao discurso da psicanálise, é o escrito, ao qual por sua vez se lhe impõe, como condição de subsistência, o emprego da língua que se usa ao apresentá-lo.

Já Lacan na reunião do seu Seminário de 10 de junho de 1970, havia talvez indicado, de outra maneira, este problema com relação à formalização: (...) *Há numerosos termos. Se eu tenho dado aqui estas pequenas letras isto não é por acaso. É porque eu não quero pôr coisas que tenham aparência de significar. Eu não quero significá-las de maneira nenhuma, senão autorizá-las. Isso é já, um pouco mais, autorizá-las, que escrevê-las.*

Está claro que a questão não é autorizar o uso, o emprego das letras na transmissão, senão autorizar as letras mesmo, o que é diferente e algo mais que escrevê-las.

É o momento do quadrípode dos discursos. A revolução freudiana é levada à função de giro dos termos, numa teoria que Lacan prefere como ‘discurso sem palavras’.

Estas letras sem significação constituem uma sorte de aparelho (quadrípode) que, no seu funcionamento, dá conta da significação perdida, o que é uma forma de *dit-mensionar* a repetição freudiana.

Tratando-se do discurso, considera-se o *semblant* como segunda natureza, sendo aquilo que revela comandar cada discurso, e quando se trata do último, o que fecha o percurso - o do analista - o *semblant* recolhe a perda em função de causa do desejo.

É o *semblant* enquanto agente, no sentido em que ‘ele é feito’ fazer’, *il est fait agir*. Se nos detemos sobre o ‘fato’, *fait*, o que é que o faz *fait* senão a suposição de saber. Atendendo a que é o corpo o objeto do suposto da transferência.

Tendo presente a existência do inconsciente como saber articulado na língua, de modo que é a língua que faz ‘fato’, *fait*, e que homologa o saber a isso do qual está ‘feito’.

Não obstante, o corpo deve ser entendido como desligado - diz Lacan - desse real do qual goza e que lhe é opaco, já que existe aquilo que, talvez, devêssemos entender como uma *esquízia* dissimulada, entre o corpo que fala só amarrado à língua pelo real do qual goza, e o efeito de civilização pelo qual a própria língua o leva a desenvolver o gozo do objeto.

Surge assim uma condição para que o objeto *a* funcione como núcleo elaborável do gozo: a existência do nó e a ausência do gozo.

O gozo, então, (...) *não se interpreta, não se evoca, não se encurrala nem se elabora senão a partir de um semblant*, ao pôr o objeto *a* nesse lugar que é o indicado para interrogar como saber o que é da verdade, quando se trata do discurso do analista.

Definem-se agora os termos: recordar, repetir e elaborar, ou seja, em que ordem, com relação à *corpsistencia* que o nó propõe?

É certo que não temos muitos comentários do próprio Freud acerca das análises que conduziu a partir de 1920; a descoberta da pulsão de morte comportaria - há que supô-lo - uma mudança de posição difícil de transmitir.

Temos, em todo caso, a testemunha de uma de suas pacientes, Hilda Doolittle, autora do livro “Escrito sobre a parede”, que se analisou com Freud em dois períodos - ou séries, como ela os chama - em 1933 e 1934.

* N. de T.: “Él es hecho hacer”. Em espanhol, ‘hecho’, pode ser traduzido ao português tanto como ‘feito’ (particípio passado do verbo ‘fazer’), quanto como ‘fato’ (substantivo).

Existe neste *Tributo a Freud* (este é o primeiro título que tem o livro) uma seqüência particularmente reveladora do que se impõe entre o gozo e o *semblant* num tempo original da experiência.

Hilda Doolittle escreve, logo após citar o final de uma carta que tinha recebido de Freud em 1938, o que evoca, e isto é o acontecido numa sessão:

De todas as maneiras, seu afetuossíssimo... (é o final da carta de Freud). Não sabia o que o havia zangado subitamente. Virei-me e sai do divã, os pés no chão. Não sei exatamente o que tinha dito...virei-me, sentada de um modo pouco ortodoxo, bem reta, com os pés no chão. O próprio Professor é bastante pouco ortodoxo; está batendo com a mão, com o punho na cabeceira do antigo sofá de crina, que já ouviu mais segredos que o confessorário de qualquer padre confessor católico romano nos seus dias de apogeu... Conscientemente, não percebi ter dito nada que pudesse explicar a explosão do Professor. Inclusive quando me virei, de frente para ele, minha mente estava longe o bastante como para perguntar-me se não tinha sido alguma idéia dele para acelerar o conteúdo analítico ou para dirigir o fluxo das imagens associadas. O Professor disse: O problema é - eu sou um homem velho - que a senhora não crê que valha a pena amar-me.

*O impacto destas palavras foi terrível demais, simplesmente não senti nada. Não disse nada. O que esperava ele que eu dissesse? Era exatamente como se o Ser Supremo houvesse batido com o punho sobre o encosto do divã onde eu jazia. Por que fez isso? Devia saber tudo ou não sabia nada. Devia saber o que eu sentia. Talvez o soubesse, talvez se tratasse disso. Talvez, depois de tudo, fosse um recurso, algo para impressionar-me, para romper em mim algo que eu percebia parcialmente, algo que recusava romper-se, que não devia entregar-se... Por enquanto, estou reclinada no divã. Acabo de arrumar a manta que tinha caído no chão. Coloquei as mãos sob ela. Pergunto-me se o Professor se deu conta de que olhei o relógio. Realmente estou quebrantada. Mas não há possibilidade de uma contestação. **

* Os pontos suspensivos no relato correspondem a associações de H. D. que estão em relação à questão da qual se tratava, nesse momento, na análise com Freud.

Numa carta, a saudação de despedida de Freud leva um matiz de recriminação: *De todas as maneiras...* A carta é a resposta ao envio de umas gardêneas com uma nota que Hilda Doolittle esqueceu assinar: *suponho que foi a senhora quem mas enviou*, quer dizer ‘não o sei’, *De todas as maneiras, seu afetuossíssimo*.

A evocação do golpe no braço do divã e as palavras de Freud são trazidas pela puxada do fio do reclamo de Freud, e concluem com a evocação: (...) *O problema é - eu sou um homem velho - que a senhora não crê que valha a pena amar-me*.

Vemos Freud aparecendo com um golpe ali onde estava, no lugar de mais de gozar. *O professor deixa seu lugar - na verdade era muito pouco ortodoxo* - diz Hilda Doolittle, e de objeto que espera passivamente, Freud passa a responder ao assalto da pulsão de morte.

O que espera? , diz-se Doolittle. Porém esta pergunta e os outros comentários vêm logo após o desprendimento do instante do golpe.

Se o real exclui o sentido no subjuntivo, pergunta-se Lacan, como o psicanalista chegará a ‘fazer’ verdadeiro (*faire vrai*)? Só o *coup de sens*, o golpe de sentido como *sent-blant* surgido da distância entre S2 e o que produz, excluiria a mentira do sentimental.

Detenhamo-nos no termo *distância*, a distância não é outra coisa que uma relação entre *mesura* e “*dês-mesura*”, e que concerne à amarração / desamarração.

É na “*dês-mesura*” que o pai sem figura do fantasma vem a dizer isto do que não se pode falar.

Entre uma desamarração do nó e a seguinte, inevitável, amarração, o que se passou? *Um nada*. Quer dizer, só um antes e um depois, e em *o nada*, o que aconteceu ao sujeito lhe tem vindo de um real - nisto segue-se o desenvolvimento de Jean Claude Milner -.

A partir desta perspectiva, talvez possamos fazer da distância um significante que nos permita conceber o uso do termo *campo*, no discurso de Lacan, mais particularmente no que se refere ao campo do gozo.

Consideremos o significante *distância* numa série que é mínima e exemplar:

A *distância*:
Do Um ao ser
Do dizer ao dito
Do S2 ao que produz.

Talvez seja necessário entender que a distância é relativa a um campo, no qual o ensino de Lacan se avém a brindar esse sentido, de abertura à infinitude, que Maurice

Blanchot enunciava dizendo: *A relação do mestre com o discípulo é a própria relação de palavra, quando nesta, o incomensurável se faz medida e a irrelação, relação.*

Qual é, então, o lugar do ensino ‘aberto’ de Lacan? Qual é a relação entre a infinitude da qual não sabemos, e uma escrita de letras que se vêem precisadas de sua autorização?

No mesmo momento em que Lacan enuncia as letras e as autoriza, o próprio gozo de falar é interrompido pelo que se amarra do nome próprio. Vemos nisto a exemplaridade do seu ensino.

Essa escrita veicula o real impossível da inexistência da relação sexual, ao mesmo tempo em que a relação de palavra admite, assim, a possibilidade do silêncio.

O silêncio é uma alternativa de quem fala. A distância, neste sentido, é o oposto daquilo que, no falar, o isola. Assim, o próprio da dimensão do dizer é que se suporta no laço social.

Algo tem que operar para que a psicanálise não se reduza a ser um autismo a dois. Já que, que o dito não tem seu suporte no ser, não justifica o rechaço do ser no simbólico, quer dizer, não exclui a necessidade de falar.

Se o campo do gozo não leva o nome de Lacan, não continuará isto sendo uma apelação ao ser para que continue solicitando esforços?

Nada indica que Lacan pedisse um esforço.

Anabel Salafia

Norberto Ferreyra

Setembro de 1991

¹ A expressão *Por que não falar?* faz referência à proposição número 7 do *Tractatus Lógico-Philosophicus* de L. Wittgenstein: “Do que não se pode falar há que calar”.

Este ponto pode retomar-se na reunião de 21 de Janeiro de 1970 do Seminário de Jacques Lacan “O avesso da psicanálise”.

Se bem Lacan não cita explicitamente esta proposição, parece referir-se a ela ao longo de suas considerações sobre a posição de Wittgenstein quanto à relação contestável entre o que uma proposição ‘mostra’ e a verdade atribuível ao fato cuja ocorrência, verdadeira ou falsa, a proposição pretende demonstrar.

Mesmo assim, a pergunta *Por que não falar?*, refere-se ao ‘que se diga’, do enunciado de Lacan: *que se diga fica esquecido por trás do que se diz, no que se escuta (L’ étourdit).*

É o ‘fato’ de que uma proposição seja dita, o que faz que a verdade se coloque na enunciação, quer dizer, como exterior à própria proposição. Trata-se da dimensão do *dizer*, o qual supõe já um campo no qual o gozo

e a verdade se irmanam. Deste modo, o efeito de verdade não se alcançará senão por intermédio de um *semblant* de gozo - objeto *a* - em quanto se trata de dar provas do acontecimento num plano que não é fático. Neste sentido, se as proposições 6. 5.1, 2, 3, 4 do *Tractatus* conduzem a que na verdade não se veja um atributo de um saber, qualquer um que seja, Lacan se mostra de acordo com Wittgenstein. Em troca, Lacan acha uma *Unglauben* (descrença) de Wittgenstein no que se refere à dimensão do dito. Tal *Unglauben* parece, em certo modo, encarnar-se na proposição 7. A via que propõe o inconsciente encara, de outro modo - que com a proposta de calar - a barreira do esquecimento que cai sobre o “fato” de “que se diga”.

Referências bibliográficas

Jacques Lacan:

- Seminário “L’ envers de la psychanalyse”.
Ed. Du Seuil. Paris. 1991.
- Seminário “Encore”.
Ed. Du Seuil. Paris. 1975
- Seminário “L’insu que sait de l’ une bévue
s’aile a mourre”. Inédito.
- “L’etourdit”. Silicet 4. Seuil. Paris.
- “La troisieme”.

Maurice Blanchot:

“O diálogo inconcluso”.

Jean Claude Milner:

“Les noms indistincts”

Ed. Du Seuil. Paris.

Sigmund Freud:

Os textos citados em particular, mas a referência é toda a sua obra.